

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS/SOCIOLOGIA

ANA SÍLVIA OLIVEIRA MARQUES

AS COISAS SÉRIAS DE SANTO:
A infância e adolescência e sua relação com o sagrado no
Terreiro de Santana em Imperatriz-MA

IMPERATRIZ
2023

ANA SÍLVIA OLIVEIRA MARQUES

AS COISAS SÉRIAS DE SANTO:
A infância e adolescência e sua relação com o sagrado no
Terreiro de Santana em Imperatriz-MA

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Vanda Pantoja

IMPERATRIZ
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira Marques, Ana Silvia.

AS COISAS SÉRIAS DE SANTO : A infância e adolescência e sua relação com o sagrado no Terreiro de Santana em Imperatriz-MA / Ana Silvia Oliveira Marques. - 2023.
33 p.

Orientador(a): Vanda Maria Leite Pantoja.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Criança. 2. Erês. 3. Etnografia. 4. Umbanda. I. Leite Pantoja, Vanda Maria. II. Título.

ANA SÍLVIA OLIVEIRA MARQUES

AS COISAS SÉRIAS DE SANTO:

A infância e adolescência e sua relação com o sagrado no
Terreiro de Santana em Imperatriz-MA

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura
Interdisciplinar em Ciências Humanas do
Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia
da Universidade Federal do Maranhão.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Vanda Maria Leite Pantoja
(Orientadora)

Prof. Salvador Tavares de Moura
(Examinador)

Profª Drª. Maynara Costa de Oliveira Silva
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, pela saúde e oportunidade de vivenciar todas as experiências que desfrutei até aqui, pelo encaixe perfeito de todas as coisas visíveis e invisíveis. A todos aqueles que me guiam e protegem na trajetória da vida.

Aos meus pais, Antônio Silvestre Marques de Sousa e Luzia Oliveira Marques, por serem inspiração, referência, aconchego e lar.

Aos meus irmãos, Luis Marques e Hanfli Henrique, com os quais sempre pude contar.

Ao meu irmão caçula, Carlos Gabriel, pelo mais puro amor e por relevar minha ausência nos momentos em que tive que me dedicar plenamente aos meus projetos.

A minha filha, Maria Helena que trouxe ânimo aos meus dias.

Ao meu companheiro, Bruno César, que pacientemente foi suporte nos dias mais difíceis.

Ao Prof. Me. Salvador Tavares, que me apresentou ao tema desse trabalho e me orientou desde os primeiros passos.

A minha orientadora, Prof. Dr. Vanda Pantoja, que me acolheu e direcionou para a conclusão desse trabalho, compreendendo minhas limitações enquanto mãe de recém-nascida.

A todo o corpo docente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas.

Aos meus colegas de curso, que compartilharam comigo as mesmas dificuldades, angústias e alegrias dessa caminhada. Em especial, a Isaias e Daniel.

A Mãe Juliete e Celson que me receberam carinhosamente no Terreiro de Santana e responderam as minhas questões com imensa boa vontade.

RESUMO

As crianças são parte fundamental da comunidade religiosa umbandista, contribuindo para a conservação e sobrevivência da religião. O processo de ensino-aprendizagem dentro do terreiro tem como principal característica a oralidade. O espaço reservado para elas em cada terreiro atravessa o discernimento do pai ou mãe de santo responsável pela casa em razão do compromisso assumido por este de zelar pela integridade física, moral e espiritual de seus filhos de santo. Esta pesquisa fez-se significativa para dialogar com a diversidade de perspectivas acerca da infância dentro das religiões afro-brasileiras tomando por base o Terreiro de Santana que recebe crianças e adolescentes em seus ritos, porém não realiza sacramentos até a sua maioridade. Além de pesquisa bibliográfica, utilizou-se como metodologia a etnografia, que consistiu na observação direta e participante de cerimônias e reuniões abertas e privadas no terreiro. No cotidiano do terreiro, as crianças estavam presentes em todos os espaços, ainda que não como protagonistas. Brincavam ao redor dos tambores, dançavam, circulavam pelo salão e conviviam com tranquilidade com as entidades incorporadas aos médiuns. A iniciação de criança e adolescente nos terreiros não ocorre separadamente do espaço adulto, como ocorre no catolicismo. Entretanto, cada terreiro possui suas práticas, a amostra estudada prioriza a iniciação dos médiuns com maior idade, visando a integridade física e espiritual de cada indivíduo. Conclui-se, a partir de observação e relatos obtidos, que no Terreiro de Santana, prioriza-se a iniciação dos médiuns, a partir de completada a maior idade, a fim de garantir a integridade física e espiritual, bem como o compromisso com os preceitos e responsabilidades que o desenvolvimento espiritual e cotidiano religioso demandam.

Palavras-chave: Umbanda. Criança. Erês. Etnografia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA UMBANDA.....	13
3 DO CAMPUS AO CAMPO: UMA TRAJETÓRIA ETNOGRÁFICA.....	18
4 CORDÃO DE SÃO FRANCISCO: MEDIUNIDADE E INICIAÇÃO.....	24
5 A CRIANÇA ENCANTADA: DOCES E BRINCADEIRAS DA IBEJADA.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa surgiu após o debate que ocorreu em um dos dias do II Webinário de Religião e Humanidades da UFMA no campus de Centro de Imperatriz com o tema: Religiões Afro-brasileiras e Educação Na Fronteira Amazônica: Histórias, Culturas e Resistências no mês de julho do ano de 2021. O evento ocorreu de forma remota, na plataforma Google Meet e transmitida ao vivo pelo *YouTube*, devido ao período de isolamento social em função da pandemia de Covid-19, tendo como convidados o Dr. Thiago Lima da UFMA – São Luís e a Mãe de Santo Juliete Torres, ficaram incumbidos de fazer as reações das falas o Prof. Salvador Tavares e a Esp. Deyse dos Anjos, sob a mediação de Fausto Ricardo do PPGFOREPRED da UFMA.

O evento foi organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa *MensMemini*: Religiões, Memórias e Trajetórias, um grupo de pesquisa da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. O grupo teve seu nome inspirado pelo texto “Documento Monumento” de Jacques LeGoff, onde *Mens* significa Espírito e *Memini*, Memória. O grupo tem como coordenadores o Prof. Dr. Rogério Veras, o Prof. Dr. Agnaldo José e o Prof. Me. Salvador Tavares. As reuniões do grupo de pesquisa eram organizadas duas vezes por mês e resistiram mesmo ao período de isolamento social devido a pandemia de Covid-19, sendo realizadas de forma remota pela plataforma *Google Meet*. A partir dessas reuniões foram construídas pesquisas ancoradas em duas linhas de pesquisa: Memórias e Trajetórias das Religiões Afro-Brasileiras e Memórias e Trajetórias dos Protestantismo/Catolicismos e deram luz a eventos como o citado acima e o Ciclo de Estudos “O Sagrado na Fronteira”.

No encontro, o debate acerca do espaço reservado para a criança dentro das religiões afro-brasileira, emergiu após levantada a questão do episódio em que uma mãe de Araçatuba, no interior de São Paulo, perdeu a guarda da filha de 12 anos em virtude de a adolescente passar por um ritual de iniciação no candomblé, que envolve raspar a cabeça dos novos adeptos. A respeito disso, Mãe Juliete reconheceu a importância da inserção da criança no cotidiano do terreiro para a reprodução dos costumes e ritos, mas que de acordo com a sua compreensão acerca das regras da umbanda em seu terreiro, as crianças e adolescentes precisam de um determinado tempo e espaço para que possam discernir as responsabilidades dadas pela iniciação na religião.

É uma decisão que ela tem que ter a partir dos dezoito [anos] porque a gente entende que até lá ela não tem nenhum tipo de discernimento do que é a religião que ela pode seguir e nessa questão eu falo que eu não concordo com a questão de raspar a cabeça

porque até então ela é muito pequena pra isso, é uma formação no candomblé muito forte né, quem raspa a cabeça que vai deitar para o orixá.¹

A resposta de Mãe Juliete causou desconforto entre alguns dos religiosos presentes que compartilharam experiências de iniciação de crianças em seus terreiros. De acordo com o Prof. Me. Rogério Sousa, apresentar a iniciação de crianças como um ato indevido pode respaldar atos de racismo religioso. Deyse dos Anjos citou um possível aparelhamento dos Conselhos Tutelares por pessoas evangélicas que poderiam cercear a liberdade religiosa de crianças e adolescentes, perseguindo famílias umbandistas e candomblecistas. Celson da Silva, ogã² e mestre juremeiro³ do Terreiro de Santana, usou a Carta Magna de Umbanda, um documento de 2013, inspirado pelo caboclo das sete encruzilhadas através do médium Ortiz Belo de Souza, para fundamentar seu posicionamento a respeito do lugar da criança no cotidiano das religiões afro-brasileiras. O documento afirma que as decisões que dizem respeito às crianças devem levar em consideração o seu próprio interesse e suas particularidades tendo em vista a Declaração dos Direitos das Crianças.

O principal objetivo desta pesquisa é discutir aspectos referentes à compreensão da infância e sua relação com o sagrado no contexto das religiões de matrizes africanas, em especial na umbanda, levando em consideração suas particularidades a partir da regionalização desta no estado do Maranhão, destacando a importância das crianças e adolescentes para a conservação e futuro dessa religião, tendo como principal ferramenta a oralidade. Para isso fez-se necessário, conhecer o terreiro Nossa Senhora de Santana na cidade de Imperatriz, sua história e importância dentro da comunidade, bem como a trajetória religiosa da mãe de santo dirigente da casa, compreender a relação das crianças, seus encantados e guias e sua participação nos ritos além de entender as relações entre os erês e as crianças⁴ no cotidiano do terreiro.

O Terreiro de Santana é um terreiro de Umbanda, localizado na Vila Redenção, um bairro de Imperatriz e está na mesma localização há vinte anos. Uma das particularidades da casa são os toques de pontos corridos, característicos do Terecô, religião onde são incorporados

¹ Apresentação oral realizada por TORRES, Juliete (2021), no II Webinários Religião e Humanidades da UFMA - Imperatriz

² “Ogã, na tradição do candomblé, umbando ou religiões afins, é o título que se dá a uma função iminentemente masculina para a pessoa que, após passar por um rito iniciático de preparação espiritual e pragmática, torna-se responsável pela execução, durante o culto, dos tambores propiciatórios” (LIMA, 2018, p. 11)

³ “Nos cultos da Jurema temos a figura dos mestres que ocupam a função de líderes, responsáveis pela incorporação de espíritos que curam e aconselham os praticantes, mais conhecidos como “juremeiros” (PIRES, 2011, p. 14)

⁴ Durante o texto usarei o termo com crianças para fazer referência as crianças materiais que frequentam os terreiros, filhos dos médiuns e fiéis da casa. Já para as Crianças espirituais, aquelas incorporadas a médiuns adultos, usarei a inicial maiúscula.

especialmente os encantados⁵ da mata, sendo homens, mulheres e crianças que em determinado momento desapareceram e não estão vivos nem mortos e estão num espaço entre o céu e a terra.

De acordo com Ferretti, (2000) a linha da mata é composta por entidades caboclas menos civilizadas e menos nobres, que vivem, geralmente, em lugares afastados das grandes cidades e pouco conhecidos e que costumam vir beirando o mar ou igarapés (como o 'povo' de Codó, chefiado por Léguas Boji, e o 'povo fulupa' chefiado por rei Surrupira.

Para além dos tambores, o Terreiro de Santana também abraça em suas práticas a Jurema que é uma ritualística ligada à pajelança. Esse culto é marcado pela presença de cânticos ao som de maracás e pela bebida feita de ervas e eram realizados na casa semanalmente. No rito incorporam caboclos que descem em seus médiuns com a intenção de realizar passes e curas nos consulentes presentes. Os pontos cantados fazem referência à ciência de cura através da natureza e aos mestres que a dominam.

O Terreiro de Santana recebe crianças e adolescentes em seus ritos, porém não realiza sacramentos até a sua maioridade. Tomou-se essa medida, em razão de que é comum que os sujeitos socializados dentro dos terreiros fiquem um determinado período afastados dos costumes, seja a fim de conhecer novas religiões, por desinteresse ou mesmo por consequências de preconceitos sofridos na comunidade, em especial no ambiente escolar. Celson e Mãe Juliete, julgarem, amparados pela Carta Magna, que a formação religiosa das crianças é imprescindível ao seu desenvolvimento, porém, não são capazes de possuir convicção suficiente para permanecer em suas obrigações espirituais. Ainda que considerem que as crianças possam auxiliar no dia a dia do terreiro, por vezes na função de cambones – fiéis que prestam assistência aos guias e entidades, não encontrei, em minhas visitas, alguma que desempenhasse algumas dessas atribuições.

Partindo do conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu (2005), como o espaço em que se desdobra o conflito, onde as religiões possuem autonomia relativa e uma concorrência interna, podemos conceber o fato de que as religiões de matriz africana dispõem de uma diversidade de concepções e juízos acerca do papel da criança no cotidiano de cada terreiro levando em conta o seu dirigente, sua cosmovisão e personalidade.

⁵ “No Maranhão o termo encantado é encontrado nos terreiros de Mina, tanto nos fundados por africanos, quanto nos mais novos e sincréticos, e nos salões de curadores e pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos e sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrassensorial, como alguns preferem denominar. Os encantados, apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, tornam-se “visíveis” quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade. Apresentam-se à comunidade religiosa como alguém que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou-se invisível, encantou-se” (FERRETTI, 2000, p. 15).

Meu babalorixá diz assim: “Se você for no terreiro de uma pessoa e Oxalá estiver vestido de preto e vermelho você vai bater palmas e dizer “Epa Babá” porque as águas que correm naquele rio, são as águas que correm naquele rio”⁶

Com base nessas questões esta pesquisa fez-se significativa para dialogar com a diversidade de perspectivas acerca da infância dentro das religiões afro-brasileiras tendo como referência o Terreiro de Nossa Senhora Santana no bairro Vila Redenção na cidade de Imperatriz no Maranhão, fundado por Mãe Cotinha tendo sua filha Juliete como sucessora.

Para realização desse trabalho foram acompanhadas reuniões de Jurema às sextas feiras, entre os meses de julho e dezembro de 2021, onde pude observar que com exceção da sobrinha de Mãe Juliete, com 17 anos no período da pesquisa, não havia menores de dezoito anos que trabalham⁷ em sessões de cura, embora atualmente, no período de escrita, estejam em desenvolvimento outros dois adolescentes, observei também espíritos infantis que chegavam, geralmente ao fim dos encontros com finalidade de realizar uma limpeza das energias do local. A observação do festejo principal que celebra Nanã Buruquê, orixá sincretizada com Nossa Senhora Santana, padroeira do terreiro, que ocorreu no dia vinte e seis de julho de 2021, e a Festa de Cosme e Damião, no dia trinta de setembro de 2021, e suas respectivas organizações foram importantes para as análises sobre o lugar da criança nesta comunidade religiosa.

Utilizou-se como metodologia a etnografia, que consistiu na observação direta e participante de cerimônias e reuniões abertas e privadas no terreiro e de forma complementar ao evento público para a celebração do Dia Nacional da Umbanda, o II Encontro de Terreiros no dia 14 de novembro de 2021, realizado na cidade de Imperatriz, promovidos pela ASTERCMA – Associação de Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana e Secretária de Igualdade Racial do município. Foram coletados registros diretos junto a Beatriz e Victor que integram o terreiro e se propuseram a cuidar de um acervo para a posteridade, feito de filmagens e fotos realizados em conjunto e compartilhados por meio de uma ferramenta de nuvem e através da rede social Instagram.

Nesse sentido, foi relevante o estudo de Lila Abughod (2018), que trata da diferença entre o “eu” e o “outro” e as relações de poder presentes no conceito de cultura. A autora menciona que a Antropologia foi construída na oposição entre ocidente e não-ocidente, onde o

⁶ Apresentação oral realizada por SOUZA, Rogério (2021), no II Webnários Religião e Humanidades da UFMA - Imperatriz

⁷ De acordo com Maggie (2001:153), iremos utilizar a categoria trabalho como: “TRABALHAR– Atuar (o médium) em estado de possessão, no terreiro ou fora dele. [...] TRABALHAR NA MACUMBA– Praticar a religião na qualidade de médium. TRABALHAR NA UMBANDA– Trabalhar na macumba. TRABALHO – a) Oferenda; feitiço. b) Ato praticado pelos médiuns em estado de possessão. Pode ser usado para definir as sessões propriamente ditas. TRABALHO FEITO – Feitiço” (MAGGIE 2001:153).

primeiro é tratado como “eu” e o segundo como “outro”. Para a superação disso, propõe uma escrita contra a cultura a que se refere como “etnografias do particular”. Para compreender, quem são e como se comportam os espíritos de crianças dentro dos terreiros de umbanda, recorri ao livro “O que é Umbanda” de Patrícia Birman e “Mitologia dos Orixás” de Reginaldo Prandi.

Caputo (2012), ancorou essa pesquisa em relação à educação e presença de crianças nos terreiros, em sua tese de doutorado que trata da dualidade de relações das crianças candomblecistas nas escolas em que são invisibilizadas e discriminadas por sua religião e nos terreiros de Candomblé onde muitas vezes possuem cargos pelos quais tem respeito e orgulho. O livro também aponta para o peso das relações familiares para a iniciação de crianças. Para conceber a criança enquanto indivíduo atuante nas religiões afro-brasileiras, recorri à Sociologia da Infância de Corsaro (2011), o autor, discute a ideia que as crianças não são apêndices de um determinado grupo de adultos – no caso desta pesquisa os adultos religiosos.

As observações foram feitas em sua maioria durante os eventos e ritos do terreiro, em geral no dia dedicado a ritualística da Jurema Sagrada, um culto afro-indígena, que faz uso de uma bebida sagrada com o mesmo nome, faz uso de defumadores com ervas. A cerimônia é realizada no terreiro as sextas-feiras e reúne um pequeno grupo de pessoas que procuram consultas e passes, bem como os médiuns que incorporam caboclos que põem em prática o que os filhos-de-santo chamam de “ciência” capazes de curar males do corpo e da alma.

Este estudo fica, portanto, dividido em seis capítulos. No primeiro, apresento o estudo, desde as motivações até os objetivos de pesquisa. No segundo capítulo, conto a minha trajetória entre a bibliografia e o campo enquanto descrevo a metodologia aplicada à pesquisa. O terceiro capítulo, refiro-me ao processo de ensino e aprendizagem na umbanda, procurando compreender a presença das crianças nas religiões de matrizes africanas especialmente no Terreiro de Santana. No quarto capítulo, menciono o Cordão de São Francisco, utilizado em rito para adiar a iniciação de crianças e adolescentes e a relação desses com a mediunidade e o compromisso de filho de santo. O quinto capítulo, trata sobre Ibejada, os espíritos infantis que incorporam os médiuns e representam a pureza e a alegria própria das crianças. Após isso temos as considerações finais.

2 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA UMBANDA

A necessidade da compreensão da presença das crianças dentro das religiões afro-brasileiras não é novidade e pode-se ser encontrada em segundo plano como em trabalhos como “A cidade das mulheres” (2002) em que a autora Ruth Landes descreve sua experiência com crianças e adolescentes nas casas de culto baianas. A autora Maristela Guedes (2005), escreve sobre o preconceito que atinge crianças de candomblé nas escolas em sua tese de doutorado: “Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé”.

A liberdade religiosa é um direito humano que possui alcance homogêneo, reafirmado em relação às crianças (MONACO, 2014, p.17). Corsaro (2011), trata das crianças como agentes sociais ativos e criativos capazes de produzir suas próprias culturas, ao mesmo tempo que contribuem para a produção das sociedades adultas. O autor compreende a infância como uma forma estrutural, um período construído socialmente, ou melhor, uma categoria que faz parte da sociedade, assim como as classes sociais e grupos de idade dos quais são membros ou operadores de suas infâncias. Além disso, a infância é para a própria criança um período temporário, mas que para a sociedade, a infância é uma categoria permanente ainda que seus membros mudem continuamente variando sua natureza e concepção através da história.

A tradição e a oralidade são fundamentos das religiões afro-brasileiras, o que não significa que inexista preceitos escritos, como é o caso da Carta Magna de Umbanda que é citado por Celson da Silva no II Webinário de Religião e Humanidades da UFMA.

Assim como as sessões umbandistas recebem as falanges dos Erês (Ibejada) e reconhecem a sua inocência como importante missão de transmitir a médiuns e assistidos a alegria pura da vida na vibração desta poderosa força infantil, assim reconhecemos as crianças levadas às sessões como importante processo de sua própria formação espiritual, garantindo a elas o direito do conhecimento dentro da Umbanda da mensagem universal de Jesus, sincretizado com Oxalá, com sua magnitude em Deus e nos Orixás, para o atendimento mediúnico, para batizado, passes e desenvolvimento, o respaldo moral, físico e espiritual contra todas as formas de violência. Incentivamos a criança para que ela reconheça desde cedo sua importância, seu valor e seu caráter, concedendo a ela o direito de livre escolha pela sua pureza, trabalhando dentro de nossas crenças, para que tenha amparo sempre. (SOUZA, 2017)

No dia a dia do terreiro, as crianças estavam presentes em todos os espaços, ainda que não como protagonistas. Brincavam ao redor dos tambores, dançavam, circulavam pelo salão e conviviam com tranquilidade com as entidades incorporadas aos médiuns. Durante o festejo

cheguei a perguntar ao filho do abatazeiro⁸ da casa, ao ver a sua familiaridade com o tambor, se seu pai o teria ensinado os primeiros toques ao que ele respondeu sacudindo a cabeça afirmativamente. As crianças viviam entretidas em seu próprio cotidiano, tornando inconveniente qualquer investida para uma conversa que interrompesse suas brincadeiras e os levasse a questionar os seus hábitos e costumes. Já nos momentos de espiritualidade era comum que pais ou responsáveis aparecessem com seus filhos em busca de consultas, remédios ou passes.

Durante o período da pesquisa a médium mais jovem da casa tinha dezessete anos e é sobrinha de Mãe Juliete. Havia iniciado o seu desenvolvimento aos treze anos e já realizava trabalhos na linha da Jurema. Na entrevista, Mãe Juliete conta que a sobrinha começou a se incorporar desde cedo e sua iniciação aconteceu em comum acordo com toda a família.

“Todos nós sabemos que nós sabemos que a gente tem uma missão a cumprir e às vezes a gente até pode escolher outro caminho, mas sempre os guias de luz pelo que a gente conhece, eles nos trazem para esse ambiente, esse meio espiritual pra gente poder se reconectar de novo. Assim como ela é da nossa família e a gente já sabe como que é que funciona a encanteria e ela já começou a incorporar pequena então o jeito era desenvolver mesmo, porque não dava mais pra gente sustentar essa corrente dela porque eles [os guias] já queriam trabalhar”⁹

Durante meu período de escrita, em contato por mensagens no *WhatsApp*, a mãe de santo me contou que atualmente estão em desenvolvimento outros dois adolescentes, a pedido dos pais que são também médiuns da casa, a partir da plena concordância de todos os envolvidos. Podemos compreender, a partir disso, a importância da iniciação de crianças e adolescente como um mecanismo de reprodução e conservação dos ritos, práticas e tradições dos cultos afro-indígenas em Imperatriz no Maranhão. Em correspondência, Guedes (2005), relata sobre sua experiência em terreiros no Rio de Janeiro

O fio-de-conta que uso nesse momento diz de mim e do tema que investigo o seguinte: nas comunidades de terreiros existem inúmeras crianças e adolescentes. Elas ou pertencem à família do pai ou mãe-de-santo ou estão ligadas aos filhos e filhas-de-santo dos terreiros. Assim como os adultos, essas crianças são iniciadas no candomblé, desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia dos terreiros e manifestam orgulho de sua religião. (GUEDES, 2005: 37)

⁸ “O Abatazeiro é o nome intitulado ao tocador de abatá, instrumento percussivo revestido de couro de animal que é tocado com as mãos, o Abatazeiro também pode ser chamado de huntó como no Daomé” (COSTA EDUARDO, 1982. p.74)

⁹ Mãe Juliete em entrevista sobre o desenvolvimento mediúnico de sua sobrinha.

No Terreiro de Santana o salão é um espaço reservado ao sagrado. Tudo o que possa intervir nos ritos acaba por ser praticado pelo lado de fora. Nisto, incluem-se as brincadeiras das crianças. É debaixo das árvores, ao redor do fogo que aquece os tambores que elas correm, conversam, dançam e batucam imitando os adultos. Não há regra que proíba suas presenças no momento das cerimônias, mas acabam por se restringir a assistir brevemente os rituais ou para solicitar o auxílio dos pais ou responsáveis.

As crianças do terreiro vivenciam a musicalidade, as danças, os ritos e participam da religiosidade de maneira informal, aprendendo a partir do brincar e das conexões próprias da infância, sendo assistidas pela comunidade com atenção leveza e afeto. Em concordância com Almirante e Oliveira (2017) quando eles apontam, em relação a sua pesquisa, que no candomblé ocorrem processos não formais de aprendizagem, a ludicidade é elemento central na prática educativa da religião e que as crianças, mesmo que bastante invisibilizadas nas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras, são sujeitos ativos, agenciadores e produtores de cultura. Além disso, o agenciamento dos adultos não interfere nos processos de aprendizagem e “as coisas sérias de santo” não se opõem às brincadeiras nos terreiros. Para tratar da manutenção da cultura da religião umbandista, precisamos falar sobre a forma que ela é consolidada na infância através de elementos como a oralidade, a memória, a ancestralidade, a “ritualidade” e a temporalidade. Segundo Iturra (1994), o ensino e a aprendizagem são processos que se diferem, mas andam juntos no desenvolvimento do indivíduo. De acordo com o autor, ensinar significa transferir conhecimentos já sistematizados e fixos no estereótipo da população, como é o caso das religiões muçulmanas. Já aprender, é o ato de procurar alternativas e respostas para o funcionamento do mundo e da comunidade. “O ensino é repetir, criando uma subordinação; a aprendizagem é descobrir, criando uma relação de comunicação.” (ITURRA, 1994).

Todo o grupo social precisa de transmitir a sua experiência acumulada no tempo à geração seguinte, como condição da sua continuidade histórica. O facto de os membros individuais do grupo estarem sempre a renovar- Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013 se, seja pela morte, seja pelo nascimento, dinamiza a necessidade de que essa experiência acumulada, que se denomina saber e existe fora do tempo individual, fique organizada numa memória que permaneça no tempo histórico. (ITURRA, 1994)

A umbanda, para além de um espaço religioso, é também um espaço social, tem origem e ritualística africana e indígena, além dos elementos sincréticos do catolicismo, é uma religião genuinamente brasileira fundamentada na ancestralidade. A transmissão de valores culturais e religiosos, acontece, portanto, de maneira informal, de geração em geração. Com isso, vale ressaltar o papel da oralidade dentro do processo de ensino aprendizagem nesse universo.

Para que as lembranças permaneçam, é necessário que façam parte do pensamento de um grupo. No entanto, é necessário que essa memória seja articulada entre os membros desse grupo. Isso vale para a sociedade mais ampla. A memória possui características que se manifestam em seus aspectos afetivos e sociais. Partindo dessas premissas, pode-se dizer que duas noções encontram-se ligadas: memória e identidade. E é graças à memória ou às lembranças dos fatos passados que o indivíduo tem a consciência de si e o sentimento da continuidade de seu saldo. A memória é social quando se inscreve em um tempo e um espaço comum aos membros do grupo. (PORDEUS, 2002, P. 7)

A formação da memória coletiva conta com a participação de um grupo de pessoas que constantemente agregam valores e identidade a essa consciência. Pondera-se, então, que a memória coletiva, enquanto sabedoria popular são “todos os elementos culturais que constituem soluções usuais e costumeiramente admitidos e esperados dos membros de uma, transmitidos de geração para geração por meios informais.” (FLORESTAN, 1978, p. 31 *apud* AYALA, 2006, p.35).

Almirante e Oliveira (2017), em sua pesquisa sobre a aprendizagem da criança e a infância no candomblé afirmam que o processo de aprendizagem no terreiro é construído a partir de uma “transmissão cultural” dos mais velhos para os mais novos de acordo com a fala do Babalorixá Valmir Mitaquassy, que defende que o terreiro é também uma escola que tem sua lógica de questões a serem compreendidas e funções a serem atribuídas a todos de maneira uniforme, desde os afazeres domésticos aos afazeres religiosos.

Em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de espaço tempos diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), etc etc. (ALVES, 2012, p. 1).

Para compreender o processo de ensino e aprendizagem dentro dos terreiros podemos considerar o autor russo Lev Vygotsky que desenvolveu a teoria interacionista na qual os indivíduos aprendem por meio da interação social com a comunidade com o meio ambiente em que está inserido e essa interação se dá por meio de instrumentos e signos.

Nestas condições, a aprendizagem é feita pela absorção de gestos e palavras. Para Lev Vygotsky, o gesto é signo visual que contém a futura escrita da criança. Para as crianças, portanto, gestos são a ‘escrita’ no ar; da mesma forma como para os letrados os signos escritos são originalmente gestos que foram fixados. Ao ensinar por gestos e pela palavra falada, as festas e os contos populares transmitidos pela oralidade e pela memória vão compondo um jeito como cada indivíduo ou cada grupo tem de andar, de falar, de se comportar e muitas posturas corporais que fazem parte da maneira de ser e estar das pessoas desse enorme Brasil. (SILVA, 2008, p. 193)

Dentro das religiões afro-brasileiras, o cotidiano, o conhecimento e as tradições se fazem numa rede de relacionamento horizontal entre todos os sujeitos, principalmente entre crianças e crianças. O que Corsaro (2011) chama de cultura de pares infantis, com base em estudos sobre educação e infância.

Em consonância com nossa abordagem interpretativa, defino cultura de pares infantis como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais. (CORSARO, 2011, p. 128).

3 DO CAMPUS AO CAMPO: UMA TRAJETÓRIA ETNOGRÁFICA

Meus primeiros contatos com as religiões de matriz africana em Imperatriz e região começam a partir da matéria optativa Identidade e Gênero nas Religiões de Matrizes Africanas ministrada pelo professor Salvador Tavares no segundo semestre do ano de 2019, no curso de Licenciatura em Ciências Humanas. Para conclusão da disciplina foi proposto que os alunos em grupo elessem os aspectos de determinados terreiros para a escrita de um artigo. Nesse período visitei alguns terreiros e ingressei no grupo de pesquisa *Mens Memini: Religiões, Memórias e Trajetórias*, por intermédio do grupo, participei do Projeto de Iniciação à Pesquisa, contribuindo com uma pesquisa acerca do catolicismo popular no período da pandemia de Covid-19.

Toda essa trajetória me aproximou dos diversos métodos de pesquisa, inserção e interpretação do campo. Durante o tempo em que estive dedicada a conhecer os diferentes aspectos da umbanda na cidade de Imperatriz e região, tive contato com uma extensa bibliografia e neste trabalho faço um esforço de afunilar ao máximo de forma a tratar da questão da infância dentro do Terreiro de Santana.

Conhecer os vários aspectos do saber etnográfico através da bibliografia foi fundamental para a construção da presente pesquisa. Segundo Oliveira (2000), um bom texto não somente deixa claro as condições de sua produção e obtenção dos dados, mas também esclarece , com quais teorias dialoga, reconhecendo sua “intersubjetividade”. Ou seja, a pesquisa não se fez somente lançando mão das técnicas etnográficas disponíveis (observação participante, caderno de campo, registros audiovisuais, entrevistas, etc.) pois a etnografia “[...] não é [só] método. [...] Toda etnografia é também teoria” (PEIRANO, 2014, p. 383).

Em se tratando de uma religião múltipla onde cada casa tem particularidades e especificidades de sua ritualística, se faz necessário o cuidado em analisar e descrever o campo evitando generalizações. Tanto as entidades infantis quanto as crianças são pouco retratadas nos trabalhos realizados até agora acerca das religiões de matrizes africanas, portanto, busquei elaborar um diálogo com os autores que apresentassem os conceitos que serão utilizados para descrever um campo único e específico. O propósito foi, desse modo, situar os sujeitos num contexto social e histórico, criando um movimento interpretativo que vai do particular para o geral. Considerando Abu-Lughod (1991), que aponta esse movimento como uma estratégia para uma escrita “contra a cultura”, de maneira a não pressupor a coerência, generalização e atemporalidade que este conceito carrega.

“Tampouco a preocupação com particularidades das vidas individuais implica a desconsideração de forças e dinâmicas de base não local. Pelo contrário, os efeitos de processos extralocais e de longa duração manifestam-se apenas local e especificamente, produzidos nas ações de indivíduos vivendo suas vidas particulares, inscritos em seus corpos e palavras. O que defendo é uma escrita que melhor corresponda a isso” (ABU-LUGHOD, [1991] 2018, p. 207).

“Se podes olhar vê. Se podes ver repara.” Enunciou José Saramago, em *O Ensaio Sobre a Cegueira* (1995). A citação se adequa à justa medida ao fazer etnográfico, em que o pesquisador precisa treinar a sua observação para além do ato de enxergar o campo, mas de permitir-se observar de fato os pormenores e a essência do objeto, permitindo-se ser afetado pelo ambiente ao que foi inserido. Conforme, Roberto Cardoso de Oliveira (2000), a capacidade de olhar é fundamental na prática do antropólogo, assim como a de escutar e escrever. E o aprendizado dessas práticas ocorre ao longo do processo de formação do pesquisador.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isto porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, para o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. (OLIVEIRA, 2000, p. 19)

Segundo o autor, pessoas, objetos e contextos são “apreendidos pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade” – a antropologia equivale ao “prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (p. 18-19). Dessa maneira, Oliveira exemplifica, um etnógrafo bem-preparado não enxerga apenas o interior de uma maloca; ele observa fogos, cozinha, grupos domésticos, seres sociais. Ou seja, ele enxerga esse universo através de uma literatura etnológica atual e histórica.

De acordo com Fonseca (1999), na antropologia clássica, em primeiro momento é observado uma conjuntura particular para posteriormente compreender sua representatividade. Já na etnografia, método empregado para realizar a presente pesquisa, casos isolados são utilizados para demonstrar uma afirmação generalizada. Parte-se, portanto, para o campo munido de questões e hipóteses, que via de regra sofrem alterações à medida que se tem contato com os sujeitos pesquisados.

Após o II Webinário - *Religião e Educação na Fronteira Amazônica: Histórias, Culturas e Resistências*, o debate acerca do local reservado a criança na religião me chamou atenção. Externei para meu, até então orientador, prof. Salvador Tavares, o desejo de compreender como isso se fazia diferente no Terreiro de Santana. A partir de colegas que participam do terreiro, busquei entrar em contato com Mãe Juliete, zeladora de santo que coordena o terreiro, me apresentei por telefone e marcamos uma primeira conversa, uma

entrevista semiestruturada. A entrevista, realizada no dia 17 de setembro de 2021, não foi gravada e foram anotados em caderno de campo questões com o intento de marcar outras entrevistas. Essas questões somente foram sanadas por conversas utilizando de mensagens no aplicativo *WhatsApp* no momento de esquematização das informações.

No dia 26 de julho de 2021, participei do festejo de Nossa Senhora Santana, sincretizado com Nanã Buruquê, realizado anualmente e se faz devido a herança deixada por Mãe Cotinha, mãe de santo falecida, fundadora do terreiro. Apenas no ano de 2020, o terreiro estava fechado devido a pandemia de Covid-19. A partir das visitas, foram realizados relatos em diário de campo, onde eram descritos os acontecimentos com o máximo possível de riqueza de detalhes. Nesse momento da pesquisa, priorizei a observação participante, para de certa forma contemplar o cotidiano de uma maneira que entrevistas isoladas não permitiriam, buscando sempre olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 1998).

Durante o festejo, aproveitei para fortalecer e fazer novas conexões com os fiéis do terreiro. Entre os trabalhos realizados no Terreiro de Santana, para além das suas funções espirituais, existe o esforço para elaborar registro e divulgação em redes sociais dos quais podemos citar o Instagram, onde são divulgadas dias, horários, além de fotos e vídeos das cerimônias. Entre eles é possível citar o curta “Cristaliza se; e Ressoa” fotografado e editado por Victor Azê, disponível no *YouTube*. Contemplar e levar em consideração a produção desse material foi imprescindível para a pesquisa já que o enquadramento das fotos e vídeos fez com que os ritos e as emoções pertinentes a eles fossem colocados em perspectiva facilitando a observação.

As redes sociais foram indispensáveis para a realização dessa pesquisa, como meio de comunicação, possibilitando entrevistas, como canal de informações onde era possível inteirar-me do calendário de eventos do Terreiro de Santana, da ASTERMA – Associação de Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana e dos demais terreiros de Imperatriz, mas principalmente como suporte material, uma espécie de biblioteca que permitia a busca instantânea de dados a respeito do campo pesquisado. De acordo com Santos (2012), o diário de campo era um elemento restrito ao universo do pesquisador e a transição desse material para um espaço midiático cria um dispositivo de pesquisa, aumentando a interação com os sujeitos envolvidos e atingindo uma dimensão maior.

A conexão com as pessoas que eu já conhecia de antemão fez com que a ambientação no campo se fizesse mais fácil. Em diversas ocasiões em que estive no terreiro participei dos ritos como consulente, chegando a conversar com guias, fazer consultas, tomar passes e banhos de ervas. Apesar dessa afinidade, ainda assim me vi inserida num ambiente em que não fui

socializada, logo os momentos de informalidades em que os grupos estavam reunidos para conversas paralelas e os médiuns da casa se mostravam indiferentes à minha presença, me denunciavam como “estrangeira”. Houve, dessa forma, um movimento de observar tanto de dentro para fora, quanto de fora para dentro.

A reação do “nativo” diante de nossa pessoa — seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, franqueza ou indiferença — é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação. Mas seria um engano igualmente ingênuo reduzir a realidade àquela dimensão que diz respeito a nossa presença. Ousamos imaginar que existe vida social além da situação pesquisador-pesquisado e — quem sabe — além da relação dominante-dominado (ou, pelo menos, algo que não se explica só em função dela). A relação entre iguais também nos interessa e o método etnográfico tem a pretensão de ir atrás dela. (FONSECA, 1999)

Após o festejo, continuei estando presente de forma regular no terreiro às sextas feiras quando havia cultos de Jurema, dirigido por Celson da Silva, mestre juremeiro e ogã da casa. A cerimônia começava às dezenove horas com a defumação do salão e o ambiente era preparado de modo que ao centro estivessem dispostas folhas, velas, o cachimbo utilizado para a defumação e a bebida homônima do rito ao redor delas bancos e cadeiras que formavam um círculo onde os médiuns e fiéis da comunidade se sentavam para os atendimentos. Enquanto entoam cânticos – chamados de pontos – em função de invocar os caboclos que são espíritos de indígenas, para realizar as curas e passes, o mestre juremeiro defuma os presentes com um cachimbo, depois serve a cada um copo da bebida que dá nome ao culto. À medida que os caboclos vão incorporando em seus “cavalos” – como os médiuns costumam ser chamados por eles – vão sendo direcionados aos fiéis para resolver as suas demandas físicas e espirituais. Neste rito as crianças não costumam estar envolvidas para além de consultas esporádicas levadas pelos pais.

As visitas às sextas feiras me oportunizaram estar presente na reunião para organização da festa de Cosme e Damião no ano de 2021. A reunião, coordenada por Mãe Juliete, se deu após a Jurema, fez-se uma lista por escrito do que cada um da comunidade iria contribuir, assinei meu nome me comprometendo a levar mel e descartáveis. A dirigente passou informações como data e horário, além das regras a serem seguidas pelos médiuns. No ano anterior o festejo não foi realizado em razão da pandemia de COVID-19 e no ano em que a pesquisa foi realizada a festa foi planejada para ser realizada da maneira mais simples e rápida possível.

A festa estava marcada para o período da tarde do dia 27 de setembro de 2021. Cheguei um pouco antes do meio-dia. A missa, realizada todos os anos antes do festejo, já havia sido

encerrada. Faltavam poucos ajustes para o início da gira.¹⁰ Entreguei a sacola com as minhas contribuições para o evento nas mãos de Celson, como sempre fazia com as velas que levava para as sessões de Jurema e fiquei por algum tempo observando a movimentação pelo lado de fora do salão enquanto os médiuns preparavam sua indumentária e os fiéis da comunidade chegavam trazendo suas crianças. Pouco tempo antes da abertura da cerimônia, sentei-me em um dos bancos próximos às janelas.

As crianças são servidas de doces no início da cerimônia. Os médiuns estão sentados ao redor delas (crianças) de mãos dadas. Quando as crianças se retiram cantam-se os pontos com a finalidade de convidar os erês, que chegam uns após o outro com suas brincadeiras, correm pelo salão, distribuem doces, brincam com o açúcar, jogando nas pessoas e trocando um punhado por bolos e guloseimas. Alguns dos fiéis da casa são incumbidos de cuidar para que não haja desordem. As guloseimas também são distribuídas entre os adultos presentes, são elas: saquinhos de pipocas, pastéis e coxinhas, bolos de coco, bolo confeitado, brigadeiros, além do tradicional saco de balas sortidas. A presença dos erês fez-se breve como previamente combinado. Finalizando com reclamações das Crianças “tia, eu nem brinquei” diziam, mesmo que obedecendo de pronto.

Quando as crianças “sobem¹¹”, faz-se uma breve limpeza do salão. Nesse momento as pessoas sentem-se à vontade para conversar com os médiuns ou com a mãe de santo e depositar suas oferendas no altar. As crianças ainda presentes no salão estavam acompanhadas pelos pais.

Essa questão dá espaço à discussão da maternidade simbólica exercida pela mãe de santo, pois sua presença indica responsabilidade e cuidado, tanto às crianças quanto às entidades infantis. Para alcançar essa discussão pode-se tratar de questões de gênero a partir das várias faces do feminino. “Feminino refere-se, portanto, a um campo semântico que abarca uma gama relativamente extensa de possibilidades em termos de identidades de gênero” (BIRMAN, 1995, p. 96). Em uma de nossas interlocuções, Mãe Juliete, que prefere ser chamada zeladora de santo, conta sobre sua experiência enquanto indivíduo múltiplo dentro da religião, enquanto amamenta seu filho mais novo “Eu nasci pra ser zeladora de santo, mas também nasci pra ser mãe”. O cargo que exerce lhe atribui várias funções, a de conselheira, mãe, madrinha, dirigente, entre outras.

Mãe Juliete poucas vezes se fazia presente nas reuniões de Jurema. Houve, porém, uma sexta-feira em que dirigiu uma sessão que oferecia atendimento aos médiuns e clientes da casa consultas, passes, aconselhamentos, entre outros, que são realizados por meio de guias e

¹⁰ Indica trabalho ou sessão. Cerimônia em que os médiuns giram em torno dos elementos centrais do terreiro.

¹¹ Subir nesse contexto significa partir, desincorporar, voltar para o além.

entidades incorporadas, que são na maioria das vezes preto-velhos ou caboclos. Esse tipo de atendimento acontecia em geral nos dias de quarta-feira. Iniciava com os médiuns em filas entoando rezas e cânticos de pontos sem o uso dos atabaques. A dirigente estava posicionada em frente ao altar quando incorporava o guia destinado à consulta naquele dia. Quando incorporado o guia recebia dos médiuns seus adereços e seu fumo, sentava-se ao lado do altar enquanto os consulentes apresentavam-se um de cada vez e ouviam direcionamentos de acordo com as suas demandas. Alguns médiuns também incorporaram à medida que eram atendidos.

Os eventos abertos ao público eram divulgados por meio de redes sociais como *WhatsApp* e *Instagram*. Logo de início, por meio de uma amiga que é médium da casa, fiz contato com o Prof. Artur Nogueira, responsável pelos convites e divulgações, que semanalmente me enviava o convite para a sessão de Jurema e outras programações do terreiro pelo *WhatsApp*.

Para além dos eventos no terreiro, estive presente na celebração do Dia Nacional da Umbanda, no II Encontro de Terreiros da Cidade de Imperatriz promovido pela ASTERCMA – Associação de Terreiros de Cultura e Religião de Matriz Africana e Secretária de Igualdade Racial – do município com a colaboração do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme e aconteceu no dia 14 de novembro na Concha Acústica da Beira Rio às 19 horas. A celebração contou com apresentações e toques de tambores de cada um dos representantes dos terreiros presentes. Nessa noite as crianças presentes na gira, usavam a indumentária característica da religião e estavam em geral acompanhadas pelas mães de santo que as amparam em seus transe e acompanhavam durante toda a festa.

Minha última visita ao terreiro ocorreu no dia 17 de dezembro de 2021, na última sessão de jurema do ano e fechamento de mesa e corrente de 2021, uma gira com duração de uma hora e meia que tinha a finalidade encerrar os trabalhos do ano para uma espécie de recesso para as festas de Natal e Ano Novo.

Com o levantamento de todo o material, comecei o processo de sistematização da pesquisa. Revisitando as leituras, cadernos e diários de campo, bem como as gravações de eventos online, vídeos de eventos e fotos. Para as demais dúvidas mantive contato com Mãe Juliete, que se disponibilizou a responder por meio de mensagens de áudio via *WhatsApp*.

4 CORDÃO DE SÃO FRANCISCO: MEDIUNIDADE E INICIAÇÃO

Conforme Caputo (2005), a idade em que a criança inicia no terreiro é significativa, ou seja, invertendo a lógica “adultocêntrica” da sociedade, o tempo que a pessoa tem de santo é mais importante que a idade civil. Mas não de forma que a idade se sobreponha a outros aspectos. Tornando as crianças e adolescentes tão respeitados e importantes quanto os mais velhos.

A percepção de que exista uma idade ideal para iniciar os trabalhos na Umbanda, se assemelha à noção de trabalho humano realizado em sociedade. O trabalho é apontado como um processo no qual o homem molda a si mesmo, cria, produz e transforma a sociedade e deve ser realizado com diversas finalidades. O trabalho na umbanda pode abranger o desenvolvimento mediúnico, consultas, passes, incorporar o guia, adivinhar o futuro, preparar remédios espirituais, entre outros rituais dentro do terreiro.

Para Birman (1980) trabalhar na umbanda, pode significar ainda, uma troca recíproca entre o médium e os espíritos em favor da caridade, que em linhas gerais pode ser praticada em três instâncias visando os clientes ou os espíritos que necessitam de ajuda, numa rede de relações: 1) É um ato que o espírito pratica, através de um “cavalo” para evoluir; 2) É um ato que o médium pratica incorporado com seu guia; 3) É um ato que o médium realiza em nome de seu guia, ou em nome dos princípios umbandistas para também evoluir.

Dessa forma, o trabalho dentro da umbanda exige certa maturidade psicológica que a criança, possivelmente não poderia alcançar e a socialização dentro da religião seria bastante significativa para o seu desenvolvimento. A suspensão de corrente¹², de acordo com a dirigente do Terreiro de Santana, se faz importante para adiar a iniciação até que seja possível compreender esses processos, que geralmente coincide com o início da adolescência.

A iniciação no Terreiro de Santana acontece após a avaliação feita pela dirigente da casa no intuito de investigar as questões que fizeram com que a pessoa tomasse a decisão de trabalhar sua mediunidade. Após a avaliação, são informados as regras e o funcionamento dos rituais realizados na casa. Disso em diante, o neófito assiste aos cerimoniais e observa os costumes durante um mês. Esse período, segundo Mãe Juliete, é reservado para que se assegure o comprometimento de se tornar filho de santo da casa. Em seguida, são realizados banhos, defumações e orações com o objetivo de realizar uma limpeza espiritual no médium, que estando preparado, participa das giras de desenvolvimento mediúnico.

¹² Encantaria própria de cada médium, grupo de entidades ou guias com a qual estes se relacionam.

A necessidade de iniciação da criança advém de uma mediunidade aflorada que pode ser notada muitas vezes a partir do brincar, onde aparecem “amigos” invisíveis para os demais. Segundo Mãe Juliete, quando acontece de ser procurada por pais e responsáveis para tratar esse tipo de demanda, a maioria traz queixas como dores de cabeça, tonturas, sustos sem causa aparente. A partir disso, a conduta da mãe de santo é realizar um rito chamado de suspensão da corrente até que ele alcance idade suficiente para discernir sua própria vontade em relação à religião.

A suspensão de corrente, no Terreiro de Santana, é realizada utilizando um cordão confeccionado em algodão chamado de Cordão de São Francisco. À medida que se fazem rezas vão sendo dados nós que representam a quantidade de anos que o médium poderá ser dispensado de seus encargos espirituais. Porém, essa não é a única maneira de se realizar o rito, que é próprio de cada pai ou mãe de santo e de sua herança religiosa. O ritual pode ser feito recorrendo à firmeza de velas¹³, o cântico de pontos, entre outros. A quantidade de anos que corresponde à validade do rito depende da relação espiritual que esse médium possui com os seus encantados e sua missão, mediada pelo zelador de santo¹⁴. A história da iniciação de Mãe Juliete e sua relação com a religião até alcançar a condição de mãe de santo, se assemelha de certa maneira as condições pela qual passaram (ou passam) os seus filhos de santo e outros pais ou mães de santo que tive oportunidade de conversar durante o período em que realizei essa pesquisa. A mediunidade comumente se manifesta na infância. Na maior parte dos relatos durante a observação em campo, a criança começa a ter visões, sonhos e por vezes é procurada para benzimentos e passes¹⁵. O seu amadurecimento dentro da religião ocorre através da comunhão entre os seus pares e os mais velhos.

A iniciação - ou desenvolvimento - de Mãe Juliete se deu na infância como é comum a maior parte dos pais e mães de santo. Aos onze anos já auxiliava sua mãe, Dona Cotinha, fazendo rezas e benzimentos nos pacientes, lendo as orações. Porém, sua mediunidade aflora aos dezoito anos, após o seu casamento com Celson, atualmente mestre juremeiro. Foi desenvolvida e preparada pela sua mãe, que se encontrava doente, para ser dirigente do Terreiro de Santana, até o dia de sua morte devido a um câncer no ano de 2011. No período de luto, que

¹³ Firmeza é o mesmo que segurança. Utiliza-se objetos os símbolos com o intuito de proteger e constituir uma base espiritual.

¹⁴ “É aquele que cuida das obrigações espirituais dos filhos de santo e guardam a sabedoria das entidades.” (OLIVEIRA, 2018, p. 3)

¹⁵ No passe o médium incorporado impõe as mãos sob outro fiel (ou cliente) com a intenção de transmitir energias que suprimam os males físicos e espirituais.

aconteceu durante sete meses, o terreiro manteve-se fechado até a cerimônia de desligamento das correntes, ou encanteria, da antiga mãe de santo.

O transe é elemento central das religiões de matriz africana e seu princípio fundamental é a mediunidade. Praticar a mediunidade atribui ao médium uma série de compromissos, baseados na ideia de que um indivíduo é escolhido para ser tomado por um ou mais espíritos, que atuam em favor da evolução espiritual tanto daquele que incorpora quanto do incorporado. No entanto, é necessário que as partes estejam em pleno acordo. Consegue-se compreender do que se trata a mediunidade, nas palavras de Welthon Cunha, em sua tese de doutoramento.

O fenômeno mediúnico está presente em diversas formas de religiosidade brasileira, como a umbanda, candomblé, espiritismo kardecista, omolokô dentre outros. Sua importância é tão relevante que a bibliografia destas religiões e os depoimentos colhidos por inúmeros pesquisadores junto a praticantes e fiéis destas formas de religiosidade mostram que existe uma preocupação permanente com a legitimidade do fenômeno, ou seja, com o fato que as entidades, guias, ou orixás que se manifestam sejam ‘reais’ e não ‘teatralizadas’ ou ‘falsificadas’, consciente ou inconscientemente, pelos médiuns. Não existe, por exemplo, umbanda sem a manifestação ou incorporação dos caboclos, pretos-velhos, exus dentre outros. São eles que legitimam, confirmam e abençoam os rituais. São eles que trazem os conhecimentos e magias da aruanda -, o mítico mundo dos umbandistas, para o mundo dos vivos. (CUNHA, 2013, p. 11)

Essencialmente, a mediunidade, refere-se a um dom especial que um indivíduo possui de se relacionar com entidades e espíritos. Os umbandistas acreditam que essa relação se manifesta em todas as pessoas em menor ou maior grau, porém nem todos possuem a necessidade de desenvolvimento ou iniciação na religião, o que define, portanto, esse encargo são os estímulos sobrenaturais.

Como exceção da sobrinha de Mãe Juliete, no ano em que fiz a pesquisa de campo, era a única adolescente que realizava trabalhos no terreiro. Sua iniciação ocorreu aos treze anos e se deu pelo fato de que já existia uma bagagem familiar que assegurava o seu compromisso com a mediunidade. Assim também se fez com os outros adolescentes, com dezessete e quinze anos, que ingressaram no ano seguinte ao da pesquisa. Estes frequentavam o terreiro acompanhados dos pais, apenas assistindo as giras. À medida em que os sinais de mediunidade se apresentaram, seus pais entraram em acordo para que iniciassem o desenvolvimento mediúnico. Por telefone, em novembro de 2022, Mãe Juliete fala sobre eles

“[...] eles estão desenvolvendo, são meninos bem dedicados a umbanda, eles gostam de estar dentro da religião, gostam de desenvolver, tá sendo bem tranquilo [...] tá evoluindo bem, porque são meninos que estudam, trabalham, são meninos obedientes, a gente tá sempre tendo esse contato com os pais, conversando, perguntando como

que ‘tão’ na parte familiar. A gente também faz esse trabalho na família, aconselhando, dando orientação de como tem que ser dentro de casa, tem que ser obediente aos pais, tem que tá frequentando a escola porque a umbanda não te proíbe de nada, você pode ter um futuro, você pode... como é que se diz? ser formado né, mas graças a Deus eles ‘tão’ indo até, ‘tão’ indo bem tanto na vida familiar na escola como também no terreiro”

Em concordância com Caputo (2012), em sua pesquisa sobre crianças e educação em terreiros do Rio de Janeiro, afirmando que

Elas ou são da família do pai ou da mãe de santo ou estão ligadas aos filhos e filhas de santo dos terreiros. Assim como os adultos, essas crianças são iniciadas no candomblé, desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia dos terreiros e manifestam orgulho de sua religião (CAPUTO,2012, p. 33).

Os médiuns, pessoas que incorporam as entidades, a partir de sua iniciação em uma casa de umbanda, são chamados de filhos-de-santo. No terreiro são identificados facilmente por sua indumentária geralmente composta por colares de contas com combinações de cores variadas que indicam os guias de sua corrente, e por tecidos envoltos, de algodão ou cetim, em suas cabeças ou ombros, chamados de panos de cabeça ou pano da costa. O dirigente do terreiro, pessoa incumbida dos cuidados espirituais de todos da casa, são chamados tradicionalmente de pai-de-santo, mãe-de-santo ou zelador(a) de santo e não necessariamente precisa ser a pessoa mais velha e experiente da casa.

Mãe Juliete, em diversos momentos, refere-se a si mesma como zeladora de santo. Ela acredita que a tradição possa ter vindo tanto da imagem do dirigente enquanto autoridade no terreiro, quanto da relação entre os cuidados dispensados pelo dirigente da casa aos médiuns e demais fiéis, que vai para além dos cuidados espirituais, participando da sua vida cotidiana, tratando e aconselhando aspectos da vida privada dos filhos-de-santo. O termo zelador de santo, considerado o mais correto pela dirigente, indica sua função real que é a de zelar pelo terreiro e pelo santo que conduz a casa.

“Nós dirigentes, nós zelamos daquela santidade, nós zelamos do espiritual, nós temos uma responsabilidade espiritual. Nós zelamos tanto dos filhos-de-santo, a gente é o orientador né, pro desenvolvimento espiritual de cada médium e a gente vai zelar daquela corrente, zelar daquele terreiro, zelar daquele Congá, zelar da espiritualidade daquele médium.”¹⁶

Ser filho-de-santo requer um conjunto de responsabilidades espirituais e materiais, bem como um calendário de eventos públicos e obrigações privadas que podem variar entre

¹⁶ Apresentação oral realizada por TORRES, Juliete (2021), no II Webinários Religião e Humanidades da UFMA - Imperatriz

cada médium, que envolvem banhos de descarrego, velas e oferendas para os seus guias. Além desses afazeres, estão muitas vezes envolvidos no trabalho de caridade desenvolvido pelo terreiro. “As referências aos orixás se constituem, pois, com emblemas importantes tanto para a construção dos espíritos e das respectivas linhas quanto para a construção da imagem e identidade do filho de santo.” (BIRMAN, 1985, p. 34)

5 A CRIANÇA ENCANTADA: DOCES E BRINCADEIRAS DA IBEJADA

De maneira geral, umbanda movimenta-se em torno de santos, entidades e guias. Por ser uma religião com herança cristã, ao contrário do candomblé, os Orixás não são considerados deuses. Os espíritos chamados de guias e/ou entidades, incorporam através do transe dos médiuns, possuem as mais diversas características culturais e históricas de personagens brasileiros, como indígenas, boiadeiros, ciganos, prostitutas, entre outros e se expressam através das várias influências de credo que a religião sincretiza. Dessa forma “os umbandistas são, portanto, súditos de vários senhores e dividem o seu tempo, o seu corpo e a sua pessoa trabalhando para todos, tentando conciliar essas vontades entre si e consigo mesmo” (BIRMAN, 1985, p.25) Para a compreensão da lógica hierárquica entre eles, seus papéis e diferenças, faz-se necessário conhecer conceitos como linha e família.

Nessa hierarquia, temos segundo a ordem de importância, primeiro o deus supremo, denominado Oxalá, que corresponderia ao Deus católico. Em seguida vem os orixás que seriam santos que nunca “encarnaram”. Vinculados a esses, seguem os espíritos de diversas “linhas” que podem ainda se subdividir em “reinos” ou “falanges”. (BIRMAN, 1985, p. 31)

Birman, (1995), afirma que a linha das crianças se aproxima da linha dos pretos-velhos pela dependência que possuem dos adultos. Contudo, segundo a autora, as crianças são autoritárias e exigentes, ao contrário dos pretos-velhos que são conhecidos pela sua humildade. Isso por não possuírem um senso moral ou de responsabilidade amadurecido. “Mas, por outro lado, o fato de serem crianças dá a esses espíritos um poder de limpeza particular. Terminar a gira com crianças é uma forma de afastar espíritos muito atrasados, como os obsessores e todas as vibrações negativas” (BIRMAN, 1985, p. 44)

Entre os principais tipos de guias que são incorporados nos terreiros estão os erês ou ibejis, são entidades que assim como os caboclos, exus, pomba-giras e preto-velhos fazem parte do panteão umbandista. A ibejada – como é chamada a linha dos erês - são entidades infantis que representam pureza, alegria e doçura. São compreendidos como espíritos desencarnados ainda crianças. Os erês são celebrados na festa de Cosme e Damião, no dia 27 de setembro, orixás gêmeos que de acordo com a mitologia gostam de brincar – e de tanto que troçam, até com a morte eles brincam (PRANDI, 2001).

Cosme e Damião também são cultuados na igreja católica como dois irmãos médicos, que viveram no século III d.C, considerados protetores das crianças, foram condenados pelo Imperador Diocleciano a diversas torturas, por se declararem cristãos. A fim de agradar ou

agradecer às entidades infantis, alguns consulentes e frequentadores da casa levam brinquedos, doces ou refrigerantes. A festa de Cosme e Damião é marcada pela distribuição de doces tanto para crianças do bairro quanto para os erês. Nos encontros com os fiéis da casa para o planejamento e organização da festa são divididas as atividades entre estes, cada um fica incumbido de ofertar algo para ser servido. Bolos, doces, balas, mel, pipocas, salgados, fazem parte da variedade de comidas servidas na festividade. O salão é adornado com balões coloridos

Os deuses são grandes comilões. Os mitos que relatam suas vidas estão cheios de comezainas pantagruélicas, de voracidade homéricas. Portanto não há nada de espantoso, quando penetramos no peji dos orixás, em ver ali a abundância de pratos, de cores ou de formas diversas, segundo os deuses e contendo iguarias saborosas. [...] Os deuses não são apenas comilões, mas também finos gourmets. Sabem apreciar o que é bom e, como o comum dos mortais, não comem de tudo. (BASTIDE, 2001:331-2)

Cada zelador de santo dedica-se rigorosamente ao culto de um santo que lhe é determinado junto com a sua função. Mãe Juliete além de realizar a festa de Nossa Senhora Santana anualmente, por herança de sua mãe pertinente à sucessão da administração do terreiro, devota-se a Cosme e Damião.

O festejo é organizado por todos os participantes da casa, médiuns ou não. As contribuições são arrecadadas durante a semana que antecede o evento e podem ser bolos, doces, balões, pipoca, refrigerantes, mel, entre outras guloseimas. Ainda é comum que os visitantes levem suas ofertas no dia da festa.

O salão é decorado com balões e fitas coloridas. A mesa onde ficam dispostas as comidas, fica em frente à imagem de Cosme e Damião e alguns dos fiéis do terreiro são incumbidas de supervisioná-la durante a festa para que não haja bagunça por parte das crianças que incorporam. Como de costume antes da cerimônia, o salão passa pelo processo de defumação. No primeiro momento da cerimônia a prioridade são as crianças que se dispõem em roda ao redor da guma, Numa segunda roda os médiuns ficam de mãos dadas enquanto são cantados pontos de ibejada. Os espíritos infantis incorporam um a um nos médiuns e à medida que chegam começam as suas brincadeiras e prendas junto às crianças presentes, correndo pelo salão, jogam açúcar nos visitantes, degustam os refrigerantes com as mãos – que chamam de “água de bolinhas”. As guloseimas são distribuídas para os presentes junto aos saquinhos de balas sortidas.

A ibejada obedece prontamente aos responsáveis presentes, que oferecem cuidados tanto a eles quanto às crianças presentes. Mãe Juliete manteve-se atenta às brincadeiras e obedeceu ao prazo que havia predeterminado para que os ibejis estivessem em terra. A festa

continuou por um curto período. Para o encerramento, a dirigente reuniu novamente os médiuns em roda e advertiu que eles deveriam se retirar. Houve reclamações, mas não houve resistência por parte das crianças.

As festas são, em primeiro lugar, um momento de encontro, celebração e confraternização. Visando isso, me vali das experiências vividas nesses momentos, buscando o contexto da presença das crianças e dos espíritos infantis, para compreender como se faz o processo de aprendizado, percebendo que esse é um movimento infindo e no âmbito das religiões atravessa o cotidiano dos indivíduos entre o sagrado e o profano.

As festas são, sobretudo, eventos e celebrações nas quais é mais claramente percebido o caráter dinâmico da cultura popular. Ao mesmo tempo em que enraízam em cada membro do grupo social, seus valores, suas normas e suas tradições abrem espaços, continuamente, para novas maneiras de representar o sentir, o ser e o viver no mundo atual, numa lenta – às vezes mesmo imperceptível, o que não quer dizer inexistente -, mas efetiva mudança de mentalidade. (SILVA, 2008, p. 192)

A observação do festejo de Cosme e Damião, permitiu alguns apontamentos acerca dos espíritos infantis, denominados Erês, como a relação de maternidade que estes possuem com a mãe de santo da casa. No mesmo sentido, a Mãe Juliette compreende o festejo como o momento de comunhão com os Erês e durante as reuniões a mesma dá aos médiuns que incorporam certos direcionamentos - não pode entrar nas fontes, subir em árvores ou fazer brincadeiras de mau gosto, empurrar, morder. Surge a dúvida a respeito do controle que os médiuns possuem sobre o transe. Numa conversa prévia ela conta que o espírito se educa a partir da índole do médium, citando o exemplo da sua Pombo Gira.

As entidades da linha das crianças têm a fama de serem brigões e bagunceiros pois são espíritos que não amadureceram na sua vida terrena, portanto, faz-se necessário uma supervisão mais atenta para que os médiuns não se machuquem ou causem quaisquer transtornos a si ou a terceiros. São comuns relatos de erês que sobem em locais perigosos, entram em fontes ou tanques de água, tentam entrar nos brinquedos, brigam entre si, colam chicletes e balas nos próprios cabelos e sujam as visitas. Em uma de nossas conversas, Mãe Juliette me conta de uma visitante que chegou pela primeira vez no terreiro, bem-vestida e saiu em pouco tempo do salão irritada por ter sido atingida com mel por uma das “crianças”, convida o seu acompanhante para irem embora enquanto chama os erês de “diabos”.

Durante a pesquisa pude presenciar que ao fim de algumas sessões, clientes ou médiuns ofereciam aos erês pelos quais tinham mais simpatia e/ou gratidão brinquedos, doces ou refrigerantes como forma de agrado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que as crianças, o brincar e o aprender estejam sempre presentes no cotidiano dos Terreiros de Umbanda e outras religiões afro-brasileiras, a infância aparece em segundo plano na maior parte da bibliografia a qual tive acesso durante a pesquisa contribuindo para um apagamento das culturas infantis. Em vista disso, busquei compreender as diferentes perspectivas acerca da infância na umbanda, levando em consideração as particularidades do Terreiro de Santana na cidade de Imperatriz no Maranhão e a trajetória da mãe de santo, Juliete Silva Torres, de 33 anos, dirigente da casa.

Esse estudo, também possibilitou a compreensão dos elementos simbólicos e as principais características dos espíritos infantis. Representando a inocência e pureza das crianças, as entidades chamadas de Erês, são retratadas como crianças que se encantaram (não morreram, nem estão vivas) precocemente. Esses espíritos, manifestam-se no terreiro trazendo suas brincadeiras. É comum serem agradados com doces e brinquedos. São destacados como espíritos elevados em relação aos demais espíritos e são capazes de purificar, trazer leveza e alegria aos ambientes.

Posteriormente ao trabalho de campo, a sistematização dos dados, fundamentados pela etnografia, foi possível constatar que observar a criança no terreiro é um caminho para entender o seu papel na organização social da religião, encaminhando para uma relativização da noção de criança tal qual entendemos dentro de um contexto ocidental moderno.

Para tratar do lugar da criança no Terreiro de Santana foi necessário, levar em consideração que a umbanda é uma religião onde a oralidade é fator principal de reprodução e conservação dos costumes, diferente de outras religiões, predominantes na cultura brasileira, em que o aprendizado se faz também em um lugar selecionado apenas para as crianças (no caso das escolas bíblicas ou catequeses). A relação família-religião é fundamental nesse processo. A presença e iniciação de adolescentes e crianças depende essencialmente da participação e sensibilidade dos pais e familiares aos ritos da religião.

Cada terreiro possui características próprias em suas práticas e isso se apresenta também acerca da presença de crianças em festas, rituais e reuniões de acordo com a compreensão religiosa e espiritual da mãe ou pai de santo regente da casa. Todavia, um aspecto comum a todos é a construção de uma memória coletiva pela comunidade, baseados na ancestralidade e na tradição, onde os mais velhos na religião orientam e inspiram os mais jovens. O processo de ensino-aprendizagem se faz de maneira não sistematizada e

cotidianamente, espontânea e consciente entre as partes, a partir da escuta, experiência e observação.

Conclui-se, a partir de observação e relatos obtidos, que no Terreiro de Santana, prioriza-se a iniciação dos médiuns, a partir de completada a maior idade, a fim de garantir a integridade física e espiritual, bem como o compromisso com os preceitos e responsabilidades que o desenvolvimento espiritual e cotidiano religioso demandam.

Essa pesquisa se fez a partir da discussão da infância por adultos responsáveis pelas crianças e pela manutenção da religião. Propõe-se para uma continuação da mesma, considerar o ponto de vista das crianças e adolescentes de si e de seu contexto religioso, considerando-as enquanto indivíduos ativos e capazes de emitir opiniões e se posicionar, através de conversas informais, histórias, brincadeiras, desenhos entre outros.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, L. A escrita contra a cultura (Tradução). **Equatorial**, v. 5, n. 8, p. 193-226, [1991] 2018.
- ACHUTTI, L.E. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.
- ALVES, N. **Sobre Movimentos das Pesquisas nos/dos/com Cotidianos**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (ogs). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP *et alli*, 2008
- AYALA, M; AYALA, M.I.N. **Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise**. 2^a ed. São Paulo: Editora Ática, 2006, 2 ed.
- BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- BIRMAN, P. **Feitiço, carrego e olho grande, os males do Brasil são: estudo** de um centro umbandista numa favela do Rio de Janeiro. 1980. 110 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- BIRMAN, P. **O que é umbanda**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- COSTA EDUARDO, O. **O tocador de atabaque nas casas de culto afro-maranhense**. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. São Paulo: Nobel 1982.
- CUNHA, W. R. **Transe mediúnico, entre a ciência e a religião: uma análise sobre as relações entre o espiritismo e a parapsicologia**. 2013. 204 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.
- FERRETI, M. **Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti**. 2.ed. São Luís: EDUFMA, 2000.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 58-78, jan./abr. 1999.
- GUEDES, M.S.G.C. **Educação em terreiros e como a escola se relaciona com crianças que praticam candomblé**. 2005. 98 f. Tese (Doutorado em Educação) - - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- ITURRA, R. **O processo de ensino e aprendizagem**. in *Revista de Educação, Sociedade e Culturas*, N.º 1, 1994.

LIMA, R.B. **Atabaques do candomblé e tambores batá da santeria**: toques e formação do Ogã. 2018. 43 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MAGGIE, Y. **Guerra de orixás**: um estudo de ritual e conflito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001.

MÔNACO, G.F.C. **A Declaração Universal dos Direitos da Criança e Seus Sucedâneos Internacionais**. Coimbra: Coimbra Editora, 2004.

OLIVEIRA, R.C. A cidade e os terreiros: os zeladores de santo e a construção do imaginário sobre Codó-MA. **Diálogos com futebol**, v. 9, n. 14, 2018.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. São Paulo: Unesp, 2000.

PEIRANO, M. Etnografia não é Método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez, 2014.

PIRES, P.S. **Sobre mestres e encantados** : a jurema como expressão sentimental. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PORDEUS, I. **Umbanda**: Ceará em transe. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, E (org). **Diário Online**: dispositivo multirreferencial de pesquisa formação na cibercultura. Portugal: Whitebooks, 2014.

SILVA, R.M.C. (Org). **Cultura Popular e Educação**. Brasília: MEC, 2008.

SOUZA, O. B. de. **Carta Magna da Umbanda**, Documento Oficial para a Religião da Umbanda. São Paulo, 2017.